



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 11 – Nº 23 – Janeiro - Junho - 2016

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES

Autor:

Krzyszczak, Fabio Roberto¹

¹ Bacharel em Direito, Especialista em Direito Ambiental, Mestre em Ambiente e Desenvolvimento, Doutorando em História Regional pela Universidade de Passo Fundo e servidor público do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão, E-mai: fabio.kk@bol.com.br

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES

RESUMO: Este artigo é um estudo teórico sobre percepção ambiental manifestada através das diversas culturas dos sujeitos. Buscamos, no desenvolver do trabalho, analisar como o meio ambiente pode ser entendido pelos humanos e suas relações com a natureza local. Para isto, foi utilizado um estudo bibliográfico sobre meio ambiente, percepção e cultura, dessa forma, as reflexões, fundamentações teóricas, as análises a respeito das relações decorrentes entre o homem e o meio ambiente foram respaldadas e descritas de forma que possamos visualizar e compreender melhor essas inter-relações. Foi possível diagnosticar que a percepção ambiental do sujeito está relacionada à sua cultura, crenças, religião, modo de viver, educação e ainda, por questões de ordem biológicas como clima e espaço.

Palavras-Chave: Percepção; Humanos; Natureza; Relações.

ABSTRACT: This article is a theoretical study of environmental perception manifested by the diverse cultures of the subjects. We seek to develop the work, analyze how the environment can be understood by humans and their relationships with the local nature. For this, we used a bibliographical study on the environment, perception and culture, thus, reflections, theoretical predictions, the analyzes on the relationship arising between man and the environment were supported and described so that we can visualize and better understand these interrelations. It was possible to diagnose the environmental perception of the subject is related to its culture, beliefs, religion, way of living, education, and yet, for reasons of biological order as climate and space.

Keywords: Perception; Humans; Nature; Relations.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é direcionado ao estudo da percepção ambiental e a relação com a cultura dos sujeitos. O foco do trabalho é o de compreender como os humanos, lidam culturalmente com a natureza local.

Parte-se do pressuposto de Chauí (2002), de que a percepção é uma comunicação, uma interpretação e uma valoração, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo. Ela envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo. Ao tratarmos de percepção, estamos envolvendo questões tanto sociais como culturais e históricas. Ela também oferece um acesso ao mundo dos objetos práticos e instrumentais, isto é, nos orienta para a ação cotidiana.

Diante da relevância que o tema traz, entende-se que o estudo da percepção ambiental é de suma importância, tanto para que possamos compreender quais são os valores que atribuímos ao meio ambiente, quanto para que consigamos compreender como se dá nossas ações sobre este.

Desta forma, neste trabalho pretende-se fazer um panorama geral sobre a teoria da percepção ambiental, realizando uma abordagem sobre a conceituação de meio ambiente e uma discussão sobre a relação do homem com o meio ambiente num viés cultural.

2 O CONCEITO DE PERCEPÇÃO

O termo percepção possui uma considerável diversidade de significados por conta de sua relação com variadas áreas do conhecimento (RIBEIRO et. al., 2009). Tendo sua origem do latim *perceptio*, é definido, em linhas gerais, como o ato ou efeito de perceber; a combinação dos órgãos sensoriais no reconhecimento de um objeto ou conjunto de elementos do ambiente; recepção de um estímulo; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual (MARIN, 2008).

Uma das primeiras ciências a descrever o termo percepção como sendo o conjunto de processos pelos quais reconhecemos, organizamos e entendemos as sensações recebidas dos estímulos ambientais foi a Psicologia Cognitiva. No entanto, por encontrarem-se teorias sobre percepção em diversas áreas, esta assume diferenciados enfoques (STERNBERG, 2000).

Segundo Davidoff (1983), a percepção define-se como o processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos (sensações) para desenvolvermos a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos. A percepção implica interpretação. Nossos sentidos podem ser considerados como nossas janelas para o mundo.

Para os seres humanos, a percepção é uma atividade flexível, ou seja, no curso da vida diária, elas se adaptam continuamente ao meio que as cerca. A motivação pessoal, as emoções, os valores, os objetivos, os interesses, as expectativas e outros estados mentais influenciam o que as pessoas percebem.

Chauí (2002) afirma que existem diferentes correntes que buscam explicar as sensações e, conseqüentemente, a origem das percepções. Para isso, por muito tempo a tradição filosófica utilizou duas grandes concepções: a empirista e a intelectualista.

Para os empiristas, a sensação e a percepção dependem das coisas exteriores, isto é, são causadas por estímulos externos que agem sobre nossos sentidos. Cada uma das sensações seria pontual e independente, cabendo à percepção unificá-las e organizá-las numa síntese. Nesta linha de pensamento, a causa primordial do conhecimento sensível é externa, de modo que a sensação e a percepção são efeitos passivos de uma atividade dos corpos exteriores sobre nós. O conhecimento é obtido por soma e associação das sensações na percepção, que estará, ao mesmo tempo, relacionado à frequência / repetição / sucessão dos estímulos e também de nossos hábitos.

Os intelectualistas defendem que a sensação e a percepção dependem do sujeito do conhecimento, sendo que os estímulos externos são apenas a ocasião para que tenhamos a sensação ou a percepção. Nesse caso, o sujeito é ativo e o externo é passivo. A passagem da sensação para percepção é vista como um ato realizado pelo intelecto do sujeito do conhecimento, que confere organização e sentido às sensações.

Conclui-se que, para os empiristas, a sensação conduz à percepção como uma síntese passiva, isto é, que depende do objeto exterior e as ideias são provenientes das percepções. Para os

intelectualistas, a sensação conduz à percepção como síntese ativa, isto é, que depende da atividade do entendimento; a sensação e a percepção são sempre confusas e devem ser abandonadas quando o pensamento formula as ideias puras.

Uma terceira corrente, mais recente, abrange a condição fenomenológica da percepção. Os fenomenologistas entendem que o indivíduo interpreta e apoia suas ações a partir das experiências vividas e do seu conhecimento. Esta corrente configura-se contra o empirismo uma vez que a sensação não é um reflexo pontual ou uma resposta físico-fisiológica a um estímulo externo também pontual; contra o intelectualismo, visto que a percepção não é uma atividade sintética feita pelos pensamentos sobre as sensações e, contra as duas tradições filosóficas em consonância. Não há, portanto, diferença entre sensação e percepção – é um todo de complexa relação e significação (CHAUÍ, 2002).

A corrente fenomenológica considera a intencionalidade da consciência humana e se preocupa em descrever, analisar e interpretar os fatos que acontecem, propondo a não separação entre sujeito e objeto. Desta forma, o objeto deixa de ser meramente externo, tornando-se então um agrupamento de aspectos perceptivos e funcionais, onde se considera importante a relação entre objeto e aquele que o percebe (RIBEIRO et al., 2009).

Merleau-Ponty (2006) considera a fenomenologia como o estudo das essências: a essência da percepção, a essência da consciência; mas também a considera como uma filosofia que vê o homem num mundo que já existe antes da reflexão. Propõe o retorno às “coisas mesmas”, mas estas vistas como parte de um mundo vivido, experienciado, que constitui um mundo do irrefletido, sobre o qual se constroem as ciências.

Segundo Merleau-Ponty (1990, p. 24), a *Gestalt* “é uma organização espontânea do campo sensorial que faz depender os pretensos ‘elementos’ do ‘todo’ articulados em todos mais extensos”. Não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo e só através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito (MARIN, 2008).

Ao referir-se sobre percepção, a filósofa Chauí destaca que este ato sempre se realiza por perfis ou perspectivas, isto é, nunca podemos perceber de uma só vez um objeto, pois somente perceberemos algumas de suas faces em cada momento. Entretanto, no pensamento, nosso intelecto compreende o todo de uma ideia de uma só vez e por inteiro, isto é, captamos a totalidade do sentido no imediato, sem precisar examinar ou ver cada uma de suas “faces” (CHAUÍ, 2002).

Contudo, salienta-se que as percepções diferenciadas não podem ser consideradas erradas ou inadequadas, mas são percepções condizentes com o espaço e o tempo vivido. O espaço vivenciado é que será refletido nas percepções e esse parâmetro justifica porque cada um tem uma percepção diferente sobre um mesmo ponto ou objeto observado.

Em nosso entender, os estudos de percepção devem considerar aspectos psicológicos, cognitivos e principalmente culturais para interpretar a visão de mundo de cada indivíduo. A cultura² é o fator que mais interfere na interpretação e na elaboração de percepções pelas pessoas, sendo que, muitas vezes, elas podem mudar de percepção sobre determinado conceito, influenciadas por estímulos que recebem da sociedade em que estão inseridas.

No momento em que recebe estímulos externos, o cérebro não funciona apenas como um produtor de representações e percepções, mas ele coordena movimentos elaborados em resposta a estes estímulos. Assim, a mente não recebe passivamente as sensações captadas pelos sentidos. Os mecanismos cognitivos (motivações, humores, conhecimentos prévios, necessidades) na mente do sujeito agem de forma ativa na construção da realidade percebida.

Considera-se, portanto, que através da percepção são estabelecidas as relações de afetividade do indivíduo para com o meio. E, por meio da formação de laços afetivos positivos, pode acontecer a modificação de valores atribuídos por cada pessoa.

3 AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE E SUAS VISÕES: PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O meio ambiente é percebido de diferentes formas pelos indivíduos, essa heterogeneidade de percepção é resultado do modo como nos interagimos com ele. Por isso, apresentamos alguns subsídios para entendermos as diferentes concepções ambientais.

3.1 Abordagens conceituais de meio ambiente

Doutrinariamente não há, entre os especialistas, unanimidade sobre o conceito de meio ambiente. Em sentido lato, significa lugar, recinto ou sítio dos seres vivos e das coisas. Em sentido estrito, representa a combinação de todas as coisas e fatores externos ao indivíduo ou população de indivíduos, constituídos por seres bióticos e abióticos e suas relações e inter-relações.

No sistema jurídico brasileiro foi a Lei 6938/81, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), que definiu o conceito de meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e infra-estrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981, p.01). Além do conceito apresentado pela PNMA, apenas a ISO 14001:2004³ ousou fazer uma definição sobre meio ambiente: “circunvizinhança em que uma

² Cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (TYLOR, 1964).

³ A ISO 14001 é uma norma internacionalmente reconhecida que define o que deve ser feito para estabelecer um Sistema de Gestão Ambiental (SGA) efetivo. A norma é desenvolvida com objetivo de criar o equilíbrio entre a manutenção da rentabilidade e a redução do impacto ambiental; com o comprometimento de toda a organização.

organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações” (BRASIL, 2004, p.01).

A terminologia que tem sido adotada no Brasil é a da PNMA, que contempla todo o conjunto de bens, naturais ou não, produzidos pelo homem e que o afetam de algum modo em sua existência. O conceito de meio ambiente não serve apenas para designar um objeto específico, mas, de fato, uma relação de interdependência que deriva, necessariamente, do homem, por estar com ele relacionada.

A abrangência do meio ambiente já havia tomado dimensões maiores com a Constituição Federal de 1988, que trata do meio ambiente em diversos dispositivos, além de possuir um capítulo específico sobre o tema. Em vista disso, a doutrina brasileira de direito ambiental passou, com fundamentação constitucional, a dar ao meio ambiente o maior número de aspectos e de elementos envolvidos. Com base nessa compreensão holística, SILVA (2000, p.20) conceitua o meio ambiente como a "interação do conjunto de elementos naturais, artificiais e culturais que propiciem o desenvolvimento equilibrado da vida em todas as suas formas".

Para Migliari (2001, p.40), o meio ambiente é a "integração e a interação do conjunto de elementos naturais, artificiais, culturais e do trabalho que propiciem o desenvolvimento equilibrado de todas as formas, sem exceções. Logo, não haverá um ambiente sadio quando não se elevar, ao mais alto grau de excelência, a qualidade da integração e da interação desse conjunto".

Embora a legislação brasileira não mencione os aspectos sociais do meio ambiente, ela definiu o meio da forma mais ampla possível, fazendo com que este se estendesse à natureza como um todo de um modo interativo e integrativo. Com isso a lei deu uma ideia bem abrangente deste termo, de maneira que cada recurso ambiental passou a ser considerado como sendo parte de um todo indivisível, com o qual interage constantemente e do qual é diretamente dependente.

Como afirma o físico Capra (1988), trata-se de uma visão sistêmica que encontra abrigo em ramos da ciência moderna, a exemplo da física quântica, segundo a qual o universo, como tudo que o compõe, é composto de uma teia de relações em que todas as partes estão interconectadas.

Na seara das ciências biológicas e naturais o meio ambiente é visto sob um aspecto voltado mais para o natural. Por exemplo, para Dashefsky (2001), meio ambiente são todos os componentes vivos ou não, assim como todos os fatores que existem no local em que um organismo vive. As plantas, os animais, as montanhas, os oceanos, a temperatura e a precipitação, tudo faz parte do meio ambiente. Guimarães (2006, p.13) salienta que: “Meio Ambiente é um conjunto complexo como uma unidade que contém a diversidade em suas relações antagônicas e complementares de forma muitas vezes simultânea”.

O termo meio ambiente também é constantemente utilizado nos meios de comunicação, discursos políticos, livros didáticos e outros. Apresentando grande diversidade conceitual, possibilitando diferentes interpretações, às vezes influenciadas pela vivência de cada um e até por informações da mídia (REIGOTA, 1991 apud MAROTI; SANTOS, 2004).

A palavra “meio” para a concepção de Dias (2000) designa o ambiente mais abrangente, sua composição depende da interação dos processos bióticos, antrópicos, econômicos e ecológicos. É condição essencial à vida, à sobrevivência, que os organismos não se dissociem das circunstâncias que os cercam. O ser vivo não é um ser independente, é peça de uma grande máquina e só existe estando associado às demais peças.

Ainda, pode-se caracterizar o meio ambiente quanto ao seu aspecto natural, artificial, cultural e do trabalho. Entendemos que essa classificação possui uma finalidade didática para demonstrar a abrangência do meio ambiente, visto que por definição ele é unitário.

Através do estudo fenomenológico da teoria e da prática em educação ambiental, Sauv  (1996) e Sauv  et al (2000), identificam sete representa es paradigmáticas sobre o ambiente: ambiente como natureza, como recurso, como problema, como meio de vida, como sistema, como biosfera e ambiente como projeto comunitário. Abaixo faremos uma breve descri o dessas concep es:

O ambiente como natureza   aquele percebido de forma original e “puro”, do qual os seres humanos estão dissociados e no qual devem aprender a relacionar-se. As palavras chave e imagens que vêm   mente são “meio natural”, “ rvores”, “plantas”, “animais”, “cachoeiras”, etc. A natureza   como uma catedral, um monumento, que devemos admirar e respeitar. Segundo Sauv  (1996), nesta percep o o problema identificado para a Educa o Ambiental (EA)   a dissocia o do ser humano da natureza. Para este propósito, a EA deve promover estratégias de imersão na natureza, renovando, deste modo, os laços com a mesma, desenvolvendo um sentimento de pertencimento, de admira o e de respeito pelo meio natural. As sa idas de interpreta o são estratégias de EA, que permitem a imersão do ser humano no meio natural.

O ambiente percebido como recurso   aquele que precisa ser gerenciado/administrado. Nesta  tica, os recursos naturais ( gua, ar, solo, fauna, bosque, enfim, o patrim nio natural), limitados e degradados, são percebidos como nossa herança coletiva biofísica, que sustenta a qualidade de nossas vidas. Neste caso, a EA deve ajudar o ser humano a aprender a manejar/gerenciar o meio ambiente (recursos) para alcançar o desenvolvimento sustentável. Entre as estratégias de ensino-aprendizado adotadas nessa visão, estão as campanhas de economia de energia, recupera o e reciclagem e as auditorias ambientais do meio de vida.

Muitas pessoas, ao se referirem a meio ambiente, o classificam como problema, gerado pela crescente urbaniza o, industrializa o acelerada, monocultura, modos de vida e hábitos de consumo da popula o vinculados ao tipo de desenvolvimento vigente. Tais atividades vêm sendo apontadas como responsáveis por catástrofes ambientais, rompendo com as dinâmicas ecológicas naturais.

O ambiente como meio de vida   visto como algo que precisamos conhecer e organizar.   o nosso ambiente cotidiano (a escola, a casa, o bairro, o lugar de trabalho, etc.), envolvendo os aspectos naturais e culturais, bem como os vínculos entre estes.

O ambiente entendido como sistema nos remete à ideia de espécie, população, comunidade biótica, ecossistema, equilíbrio ecológico, relações ecológicas, relações ambientais. Em função das inter-relações do meio ambiente, a vida é possível no planeta.

A concepção de ambiente como biosfera foi provocada pela globalização do mercado, pela informação e também pela percepção sobre as inter-relações dos fenômenos ambientais locais e globais, o organismo *Gaia*. Ao tratar o ambiente como biosfera, a EA desenvolve uma visão global, ampla de meio ambiente, que considera as inter-relações entre o local e global, entre o passado, o presente e o futuro, deste modo contribuindo no desenvolvimento de uma consciência planetária, de um pensamento cósmico.

O ambiente visto como projeto comunitário é entendido como algo com o qual precisamos nos comprometer. Nesse enfoque, o ambiente faz parte da coletividade humana, é o lugar dividido, o lugar político, o centro da análise crítica. Pelo individualismo e falta de compromisso com a própria comunidade, o ambiente clama pela solidariedade, pela democracia e pelo envolvimento individual e coletivo.

As concepções apresentadas acima podem ser consideradas em uma perspectiva sincrônica, pois coexistem e podem ser identificadas nos diferentes discursos e práticas; mas também podem ser consideradas diacronicamente, porque são resultados da evolução histórica (SAUVÈ, 1996).

Para Sato (2002, p.12), “não existe o ‘certo’ ou ‘errado’. São apenas concepções sobre o mundo, as quais podem manter diálogos ou buscar interface, e uma pessoa pode utilizar uma técnica ou outra, através da ação e da reflexão”.

Conforme Reigota (1991), é necessário conhecer as concepções das pessoas envolvidas sobre meio ambiente, pois só assim será possível realizar atividades de educação ambiental.

Portanto, quando se fala em classificação do meio ambiente, na verdade não se quer estabelecer divisões separatistas ou estanques do meio ambiente, até porque, se assim fosse, estaríamos restringindo a sua abrangência. Mas para que a sociedade tenha consciência desta abrangência é que se faz tal classificação, ou seja, não estamos pretendendo fazer uma conceituação e divisão do conceito de meio ambiente. Ao contrário, apenas almejamos dizer que as percepções de meio ambiente podem se processar sob os diversos ângulos que o meio admite existir.

3.2 Percepção ambiental: conceitos e tendências

De acordo com Oliveira (2002), o meio ambiente, seja ele qual for, é definido conforme a percepção que cada sujeito faz da realidade que o cerca. Então, se há uma diversidade de conceitos de meio ambiente – partindo-se da ideia de que este é construído culturalmente por diferentes “visões” no plano cultural e histórico – da mesma forma, também há uma multiplicidade de conceitos de Percepção Ambiental.

Percepção Ambiental pode ser definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. A percepção de cada indivíduo é um processo pessoal. Contudo, sabemos que o indivíduo não age isoladamente num determinado ambiente, mas de forma coletiva, uma vez que faz parte de um grupo com comportamento e características semelhantes.

Ianni, (1999) utiliza o conceito de Percepção Ambiental como significando, em primeiro lugar, a representação que uma população tem sobre o seu ambiente. A esse sentido agregam-se termos como valores, identidades, interpretações sobre as relações e conhecimentos acumulados nos processos vitais.

A percepção está diretamente ligada à forma como estamos ou não ligados ao meio. O ser humano integra-se ao ambiente através da experiência, procurando conhecê-lo e aprendendo formas de ação para seu uso, sua valorização e, quando necessário, para assumir atitudes em relação a ele. Nessa interação, as pessoas tomam atitudes, ou ainda adotam condutas que espelham seus interesses, valores e a visão do contexto em que se inserem (XAVIER, 2007).

As teorias que enfocam os estudos de percepção entendem claramente que duas pessoas não enxergam a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação ou têm as mesmas visões do meio ambiente. No entanto, não se pode desconsiderar que, por mais específicas que sejam as percepções de indivíduos e grupos sobre o meio, como membros da mesma espécie, existem limitações ao ver os objetos e os fenômenos da realidade de certa maneira. Assim, também há a possibilidade de várias pessoas compartilharem percepções comuns por viverem em um mesmo local, ou melhor, por estarem em um mesmo contexto sociocultural por partilharem dos mesmos conceitos, princípios e pressupostos paradigmáticos (TUAN, 1980), e por possuírem órgãos sensoriais comuns (OKAMOTO, 2002).

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultados das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa (FERNANDES, SOUZA, PELISSARI, 2004).

Ao referir-se sobre questões ambientais e perceptivas, Alirol (2001, p.25) reforça a opinião defendida por Coelho, citando que “diferentes atores não vêem os problemas ambientais e de desenvolvimento da mesma maneira [...]. O sentimento de responsabilidade, ou a idéia que dele se faz, varia enormemente, conforme a categoria social ou profissional à qual se pertence”.

O estudo da Percepção Ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

A percepção está diretamente ligada à forma como estamos ou não ligados ao meio. O ser humano integra-se ao ambiente através da experiência, procurando conhecê-lo e aprendendo formas de

ação para seu uso, sua valorização e, quando necessário, para assumir atitudes em relação a ele. Nessa interação, as pessoas tomam atitudes, ou ainda adotam condutas que espelham seus interesses, valores e a visão do contexto em que se inserem (XAVIER, 2007).

Salientamos que o tema “percepção” não é recente. Desde meados de 70 são realizadas reflexões a respeito. Em 1973 a UNESCO ressaltou a importância no desenvolvimento de pesquisas na área da Percepção Ambiental para o planejamento ambiental. Enfatiza que uma das maiores dificuldades enfrentadas na proteção de ecossistemas naturais é a existência de diferentes concepções de valores e das importâncias dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos socioeconômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes. Relata sobre a necessidade dos programas de conservação a serem estabelecidos em função de percepções que populações envolvidas apresentam sobre o ambiente natural (MAROTTI, 2000).

Vive-se uma época na qual os estudos de Percepção Ambiental apresentam-se como uma ferramenta eficaz para melhor compreender as inter-relações entre o homem e o ambiente (FIORI, 2007). O esquema perceptivo desenvolvido por Del Rio (1996), explica como se dá a percepção e como sua investigação favorece a compreensão das relações homem-meio (Figura 1), o que permite identificar os fatores que contribuem para uma percepção incompatível com a sustentabilidade socioambiental.

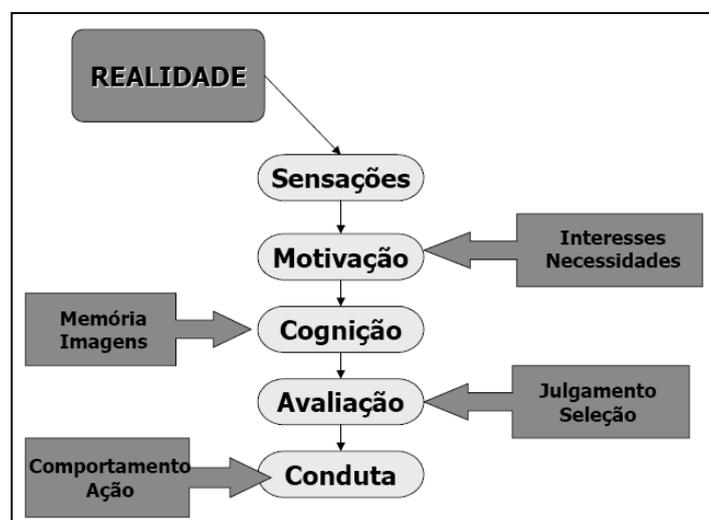


Figura 1: Esquema teórico do processo perceptivo.
Fonte: Del Rio e Oliveira, 1996, adaptado.

Del Rio e Oliveira (1996) elucidam que o sentido organizacional do ato perceptivo é estimulado pelos sentidos humanos e com estes estímulos ocorre a formação das ideias e da compreensão do mundo, norteados pelo conhecimento que possui cada indivíduo bem como seus valores éticos, morais, culturais, sociais.

Hoje, pode-se dizer que existem várias teorias que trabalham com o conceito de Percepção Ambiental. Frente a isto, reforçamos a opinião de que o entendimento das formas de construção da

percepção é de grande importância para que ações ambientais tenham eficácia, uma vez que a percepção ocorre de formas variadas. Neste sentido, podemos citar diferentes concepções existentes dentro da percepção, nas quais, notamos certa correspondência nas apreciações, ocorrendo uma pequena diferença no que se refere à especificidade de cada autor, bem como ao apuramento científico no tratamento do assunto.

Oliveira (2002) trabalha a partir do construtivismo piagetiano⁴, propondo que a Percepção Ambiental é um processo de atribuição de significados subordinado às estruturas cognitivas, detentor de uma função adaptativa. Sabe-se ainda, que a questão ambiental é discutida por questões ideológicas traduzidas como perspectivas biocêntricas ou antropocêntricas, preservacionistas ou conservacionistas (DIEGUES, 2001; CARVALHO, 2003).

Para Ferrara (1993), a Percepção Ambiental é definida como a operação que expõe a lógica da linguagem que organiza os signos expressivos dos usos e hábitos de um lugar. É uma explicitação da imagem de um lugar, veiculada nos signos que uma comunidade constrói em torno de si. Nesta acepção, a Percepção Ambiental é revelada mediante uma leitura semiótica da produção discursiva, artística, arquitetônica, etc., de uma comunidade.

Constata-se que, por mais adversas que sejam as nossas percepções, sempre tenderemos a percebê-las de uma forma muito rápida e circunstancial, por estarmos ligados a uma cultura e à sociedade, ou a elementos de um ambiente social e físico. Portanto, elucidar como a utilização do conceito de Percepção Ambiental tem se inserido nesses debates é uma tarefa importante para a democratização da ciência e dos saberes, e para uma reflexão sobre instrumentos que dispomos. Ao mesmo tempo em que essas discussões nos levam a descobrir o quanto estas concepções são ou não adequados para garantir maior qualidade ambiental para todos.

4 A RELAÇÃO DO HOMEM COM O MEIO AMBIENTE: A DUALIDADE ESTÁ NO PENSAMENTO OU NA RELAÇÃO?

O conceito de natureza contém em sua essência o dualismo entre externalidade e universalidade, inter-relacionando-se e contradizendo-se ao mesmo tempo. Mas nos questionamos se é possível conceber dualisticamente uma realidade que é única?

Smith ressalta nesse sentido, que "O conceito de natureza é um produto social" (SMITH, 1987, p.33-34). Para justificar sua afirmação o autor discute a conquista do território americano, destacando

⁴ Construtivismo Piagetiano é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A ideia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada (CARVALHO, 2003).

que nesse caso o conceito tinha não só a função social, mas também política, pois "a hostilidade da natureza exterior justificava sua dominação e a moralidade espiritual da natureza universal fornecia um modelo para o comportamento social" (SMITH, idem).

No princípio da humanidade, havia uma unicidade orgânica entre o homem e a natureza, onde o ritmo de trabalho e da vida dos homens associava-se ao ritmo da natureza. No contexto do modo de produção capitalista, este vínculo é rompido, pois a natureza, antes um meio de subsistência do homem, passa a integrar o conjunto dos meios de produção do qual o capital se beneficia.

As interações do homem-natureza foram, até hoje, movidas de um lado pela busca constante de recursos e de outro, pelas dificuldades ou facilidades que a natureza oferece a esses desejos. Desse modo, o estudo das interações homem-natureza pode ser direcionado, como propôs Mukhina (1979) citado por Guidugli (1985), para três aspectos básicos: o meio ambiente físico, a população e a economia.

O meio ambiente físico tem sido alvo, ao longo da história da humanidade, de uma série de transformações que se mostram, com relativa frequência, desastrosas para ambos - homem e natureza. Sendo para a natureza, quando essa é intensa e extensivamente agredida em seus elementos constituídos, alcançando alguns deles a destruição completa.

Neste sentido, podemos dizer que, o crescimento demográfico é considerado, por muitos, como um dos fatores essenciais aos danos causados ao patrimônio natural (NOIN, 1979). Na verdade, não só em termos de utilização dos recursos, mas de ocupação de espaço, de agressão do meio ambiente e mesmo de ameaça a outras espécies (uma população em crescimento acelerado é suficiente para comprometer todos estes aspectos). É relevante lembrar, no entanto, que a ameaça do crescimento demográfico surge não apenas como valores numéricos por ele apresentado, mas, também, pelos atributos sociais que manifesta.

De qualquer maneira, o crescimento demográfico não pode ser excluído como fonte de problemas. Ao lado desse fator, Guidugli propõe a inclusão do crescimento econômico como elemento fundamental na discussão da questão, citando que: "A causa primordial dos problemas ambientais é o crescimento econômico e demográfico". (GUIDUGLI, 1985, p.132).

Podemos ainda acrescentar a esses dois fatores, o desenvolvimento tecnológico que, se de um lado orienta uma considerável diversidade de atividades econômicas, de outro se reflete na história de uma região em espaço e tempos diferentes. Os meios utilizados pelo homem para ocupar, organizar e ordenar o espaço são também responsáveis pelos diferentes níveis de alteração por ele sofridos. Em última instância, o conjunto de alterações exibido pelo meio ambiente resulta, quase sempre, de combinações, as mais diversas possíveis apresentadas por ele próprio, pela população, pela economia e pela tecnologia.

Como exemplo, podemos citar o problema ecológico no Brasil, que é uma das maiores preocupações da humanidade, haja vista a sua importância que teve a "Eco 92", ou "Rio 92", onde

participaram políticos, cientistas, pesquisadores, professores e estudantes para discutir os problemas ambientais. Ou seja, sobre a qualidade de vida de todas as pessoas do planeta.

É fato de que, hoje, a relação entre o homem e o ambiente está bem definida, o homem é parte integrante dele, e suas peculiaridades de animal racional o dotam de meios para submeter, em larga parcela, a natureza, que só na aparência lhe é externa, porém na verdade, lhe é inerente.

No entanto, apesar desta intimidade territorial e da clara definição, já existente, entre homem e natureza, não é de hoje que ouvimos falar das grandes ameaças que o planeta vem sofrendo por conta da interferência direta do ser humano no meio, com fins na extração de recursos naturais, matéria-prima e pela obtenção de alguma vantagem.

O que justifica tal dualidade é a ocorrência de uma mudança na visão-de-mundo do homem no decorrer da história e, por consequência, de sua ação no meio natural, uma vez que a natureza não está dissociada da história da humanidade nem tampouco das manifestações culturais que a cerca, se entendermos por cultura, grosso modo, a intervenção humana no que é natural.

Tais mudanças geram avanços no conhecimento científico sobre a dinâmica ecossistêmica, que por sua vez, trazem consigo a ocorrência de acidentes ambientais, a crise energética e a conquista de espaços políticos pelo movimento ambientalista. Toda esta expansão do modelo de crescimento econômico e os efeitos desagregadores sobre os ecossistemas naturais nos fazem repensarmos sobre questões inerentes a produção, hábitos e consumo.

A essência desta situação nos remete a um novo olhar da EA, apontando a Gestão Ambiental como um dos caminhos promissores que buscará, por meio de seus princípios, conciliar o desenvolvimento com a sustentabilidade dos sistemas ambientais, através de uma relação direta entre ambos.

Devemos ter a clareza de que, não conseguiremos grandes resultados com repressões diretas às pessoas que, de certo modo, não desenvolvem atitudes sustentáveis com o meio. Como afirma Diegues, “Mais do que repressão, o mundo moderno necessita de exemplos de relações mais adequadas entre homem e natureza”. (DIEGUES, 1996, p.97).

Ao desenvolvermos trabalhos com pessoas que estão diretamente ligadas ao meio e, que dele necessitam para a sobrevivência, devemos, por meio da participação, do diálogo, de estudos, atuar como catalisadores de processos educativos que respeitem a pluralidade e a diversidade cultural; fortaleçam a ação coletiva e organizada; articulem aportes de diferentes saberes e fazeres e, proporcionem a compreensão da problemática ambiental em toda a sua complexidade.

Precisamos buscar meios eficientes para mantermos o homem conectado ao meio do qual ele faz parte, porém, existe a necessidade de que esta conexão aconteça de forma sustentável e equilibrada.

Quintas e Gualda (1995) definem meio ambiente como o fruto do trabalho dos seres humanos, conectando o meio natural ao social. Os autores esclarecem que no processo de transformação deste

meio são criados e recriados modos de relacionamento da sociedade entre si e com a natureza, sendo esta ação realizada por sujeitos sociais diferentes e estando condicionada à existência de interesses individuais e coletivos, que muitas vezes podem até ser opostos e devido a isto, requerem processos metodológicos oferecidos pela Gestão Ambiental.

Graças aos trabalhos realizados por educadores ambientais, com auxílio da EA, Comunicação Ambiental e Gestão Ambiental, hoje, os humanos estão começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades. Tem-se, portanto, uma melhor compreensão sobre a importância dos recursos, da biodiversidade e dos ambientes que esta depende para sua continuidade.

Temos ciência de que o homem é, sem dúvida alguma, a espécie dominante do planeta. Além de ser uma criatura muito complexa, com seus atos praticados, está constantemente desafiando e alterando o meio ambiente. Assim, compreendemos que tais efeitos sobre o equilíbrio natural devam ser entendidos, e mesmo com o avanço tecnológico, devemos procurar ações menos ofensivas e mais sustentáveis ao meio.

Também sabemos que os trabalhos em EA nem sempre resultam em mudanças imediatas, ou seja, os resultados de sensibilização e conscientização podem ser percebidos apenas a médio e também longo prazo. Devido a isto, apesar de todo alerta e trabalhos até então já realizados, ainda há o descaso de muitos com relação a certos cuidados tidos como fundamentais quando nos referimos ao meio ambiente. Estes atos ocorrem muitas vezes por desconhecimento entre causa-efeito ou, por vezes, tais atitudes são regidas pela ganância do homem, que vive constantemente na busca irresponsável dos recursos naturais, ou seja, a ambição do lucro crescente tem marginalizado os recursos em detrimento da qualidade ambiental de seu próprio espaço.

Os resultados negativos da interação homem-natureza, gerados no processo de uso e ocupação do solo, são observados facilmente em todas as regiões do Brasil. O território brasileiro vem sendo depredado e devastado desde quando foi ocupado pelos portugueses e posteriormente pelos outros povos. O Brasil possuía uma das maiores extensões florestal do mundo, mas que no processo de povoamento e de ocupação procedeu a derrubada impiedosa, a ação devastadora que não poupava nem as reservas de matas, despindo os solos da vegetação, e a proporção que as técnicas agrícolas foram evoluindo, as florestas foram rareando.

A ação devastadora do equilíbrio ambiental ocorre com maior ou menor intensidade em todo o território nacional, provocando a destruição da flora e da fauna. Entretanto, hoje a sociedade esta começando a proteger com mais intensidade o meio ambiente e isto, deve-se a um conjunto de medidas em prol ao meio: legislação, políticas públicas e tratados de educação ambiental.

Porém, apenas leis não bastam para percebermos as mudanças almejadas, fazem-se necessários investimentos na área da educação, ou seja, que surjam mais trabalhos e pesquisas desenvolvidos em EA, com foco no despertar de uma consciência mais crítica, emancipatória, que

traga ao indivíduo o empoderamento necessário para que consiga desenvolver ações imediatas no sentido de minimizar os conflitos ambientais.

Faz-se necessário, portanto, reflexões e reformulações de atitudes e programas governamentais e empresariais, assim como, de que a sociedade civil se conscientize da importância de sua participação na solução dos grandes problemas que as atingem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que as pessoas se relacionam com o meio ambiente em função de suas crenças e valores e que o comportamento não é facilmente interpretável, sendo preciso desvendá-lo.

Por isso, apresentamos diferentes concepções de meio ambiente, retratando-o: a) Como Natureza: que precisa ser apreciada, respeitada e preservada. Nessa concepção antropocêntrica, o comportamento com o ambiente é determinado pelas próprias necessidades e interesses humanos. Esta visão é explicada pela própria história da humanidade, onde sempre nos colocamos como seres mais evoluídos, capazes de explorar, modificar e melhorar o ambiente. Por meio desta visão, a natureza é vista como uma esfera separada ou justaposta à sociedade humana. b) Como Recurso: para ser gerenciado; c) Como Problema: para ser resolvido; d) Como meio de vida: não trazendo sentimento de pertencimento ao meio de vida; e) Como Sistema: para ser compreendido a fim de serem tomadas decisões; f) Como Biosfera: relacionando-o com um local para ser dividido; g) Como Projeto Comunitário: no qual relaciona o meio ambiente como algo no qual precisamos nos comprometer.

Ao seguirmos esta linha de pensamento, temos clareza de que, ao tratar de meio ambiente, precisamos ter ciência de que o mesmo é percebido de formas diferentes pelas pessoas, influenciado por diferentes contextos culturais.

Assim, se faz necessário assumirmos o meio ambiente não como um objeto de cada área isolada de outros fatores. Ele deve ser trazido à tona como uma dimensão que sustenta todas as atividades e impulsiona os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais dos seres humanos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIROL, P. **Como Iniciar um Processo de Integração**. In: VARGAS, H. C., RIBEIRO, H. (orgs.). *Novos Instrumentos de Gestão Ambiental Urbana*. Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP. São Paulo-SP. p. 21-42. 2001.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. 3 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

CARVALHO, I. C. M. Os sentidos do ambiental: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: Enrique Leff. (Org.). **A complexidade ambiental**. 1 ed. São Paulo(SP), Blumenau(SC): Cortez e EDIFURB, 2003.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____ **Experiência do pensamento**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

DAVIDOFF, L. **Introdução à Psicologia**. São paulo: Mc Graw-Hill, 1983.

DASHEFSKY, S. **Dicionário de educação ambiental**: um guia de A a Z. 2.ed. São Paulo: Gaia, 2001.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCar, 1996.

DIAS, C. **Pesquisa qualitativa**: características gerais e referências. 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

DIEGUES, A. C. S. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Editora Hucitec/NUPAUB/USP, 1996.

_____ **Mito moderno da natureza intocada**. 3ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERNANDES, R; SOUZA, V. J.; PELISSARI, V. B; FERNANDES, S. **Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental**. In: II Encontro da ANPPAS, 2004, Campinas, São Paulo. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT10/roosevelt_fernandes.pdf. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

FERRARA L. D'. **Olhar Periférico: informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Edusp, 1993.

FIORI, A. **A percepção ambiental como instrumento de programas de educação ambiental da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antônio, SP)**. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007.

GUIDUGLI, O. S. **O amor e o ódio que sentimos pelas nossas cidades**. Diário do Rio Claro: Rio Claro, p. 09 - 09, 10 mar. 1985.

GUIMARÃES, M. *Armadilha paradigmática na educação ambiental*. In LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S.de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

IANNI, O. **Língua e sociedade**. In: André Valente (organizador). Aulas de Português. Petrópolis: Vozes, 1999

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**. São Carlos; Sorocaba-SP: UFSCAR; Rio-Claro-SP: UNESP/IBRC; Ribeirão Preto-SP: USP/FFCLRP, v.3, n.1, p.203-222, jan/jun. 2008.

MARIN, A. A; OLIVEIRA, H; COMAR, V. **A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção**. Interciência. Vol. 28, nº 10. out. 2003.

MAROTI, P. S; SANTOS, J. E. **A Percepção Ambiental de Antigos Trabalhadores da Fazenda Jatahy (Região de Ribeirão Preto – Atual Estação Ecológica de Jataí):** Mudanças Topofílicas ao longo do tempo provocadas por diferentes Ciclos Econômicos. OLAM - Ciência & Tecnologia Rio Claro/SP, Brasil Vol. 4 No 1 Pag. 182 Abril / 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 2ª Ed. (Moura, C.A.R., Trad.). São Paulo: Martins Fontes, (Texto original publicado em 1945) 1990.

_____ **A estrutura do comportamento** (Aguiar, M.V.M., Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1942), 2006.

MIGLIARI JUNIOR, A. **Crimes Ambientais.** São Paulo: Lex Editora, 2001.

MORIN, E. **A religação dos saberes:** o desafio do século XXI. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 27.

OLIVEIRA, E. **Cidadania e educação ambiental:** uma proposta de educação no processo de gestão ambiental. Brasília: IBAMA, 2002.

OKAMOTO, J. **Percepção Ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

QUINTAS, J. S; GUALDA, M. J. **A formação do educador para atuar no processo de gestão ambiental.** Brasília: Ibama, 1995.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social.** São Paulo: Cortez, 1998.

_____ **Representação Social de Meio Ambiente.** 1991, 1995. Disponível em: <http://www.cehcom.univali.br/educado/tipos_repres_amb.ppt>. Acesso em: 18 jan, 2010.

RIBEIRO, P. R. de A.; ALMEIDA NETO, A; OLIVEIRA, A. C. M. de. **Feedback-Error-Learning in pelletizing plant control.** ENIA - 7th Brazilian Meeting on Artificial Intelligence, 2009.

SATO, M. **Educação Ambiental.** São Carlos: Rima, 2002.

SAUVÉ, L. Environmental Education and Sustainable Development: A Further Appraisal. **Canadian Journal of Environmental Education**, v. 1, p. 7-54, 1996.

_____ **A formação continuada de professores em Educação Ambiental:** a proposta do EDAMAZ. In Sato, Michele e Santos, J.E. (orgs) A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora. São Carlos, RIMA. 2000.

SILVA, J. A. da. **Curso de direito ambiental constitucional.** 3 ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

TYLOR; E. B. **Primitive Culture**. 2 vols. 7th ed. New York: Brentano's, 1964 [orig. 1871].

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

UNESCO/IBAMA/SEMA-SP. **Educação para um Futuro Sustentável** – Uma Visão Transdisciplinar para uma Ação Compartilhada. Brasília: Edições IBAMA, 1999.

XAVIER, H. **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.